



**VIRGINIA
WOOLF**

ORLANDO



cavallo de ferro

para Vita Sackville-West

SOBRE A TRADUÇÃO

Li *Orlando* há alguns anos e, entre tantas impressões, guardei esta, muito forte: ri alto várias vezes. Depois veio a surpresa: falava com alguém que também tinha lido, comentava que tinha achado hilariante, e não encontrava quem concordasse. Uma amiga que o tem como um dos seus livros favoritos desde a adolescência disse-me que o achava sobretudo muito denso e que só se apercebeu do lado cómico da personagem ao ver o filme de 1992. E um outro que tanto lê ficção científica como os grandes clássicos da literatura queixou-se, muito desconsolado, de que tinha tentado ler, mas nada feito, porque «não se percebia nada». Claro que *Orlando* é muito mais do que um grande regabofe literário, mas sempre me espantou que muito poucos se lembrassem do humor.

Convenci-me de que era uma questão de tradução, do que se perde na tradução. Muitas vezes, traduzir é escolher e excluir; acontece, no original, uma frase permitir duas leituras, mas, ao traduzi-la, termos de optar por uma, porque o que tem duplo sentido na língua do autor não funciona da mesma maneira na nossa. Mas traduzir também é encontrar um tom que se torna o diapasão pelo qual então afinamos o todo. Ora, ao ler este livro no original inglês, ouvi uma autora inglesa a gozar com a fleuma inglesa, com a pose inglesa, com os «ares» dos ingleses. Uma autora para quem a poesia estava na massa do sangue, mas que, ao mesmo tempo, se sentia escrava da poesia e estava farta da poesia, e que não podia viver sem escrever, mas que tantas vezes já não podia com a escrita. Um banal caso de «não se pode viver com, não se pode viver sem», portanto.

Virginia Woolf disse tudo isto no seu diário, apenas por outras palavras. Por uma vez, queria divertir-se a escrever um livro, antes de passar ao seguinte, que seria «místico, poético, muito sério». *Orlando* (nessa altura, o título previsto era *The Jessamy Brides*) seria «traquinas, irreverente, rebelde», umas «férias de escritor» depois da ficção «séria» que andara a escrever. Woolf queria «satirizar a sua veia lírica». Ora, uma vez que a própria o afirmou, achei que se justificava tentar traduzir *Orlando* afinando o texto pelo humor, passando a poesia para segundo plano. Há anos, vi uma professora de teatro dizer a dois alunos que não se entendiam com uma cena de Shakespeare, por culpa da linguagem «complicada»: «Esqueçam a métrica. A métrica em Shakespeare é tão forte que vocês não a podem destruir, façam o que fizerem. Portanto, esqueçam-na e digam as palavras, só isso.» Resolvi aplicar aqui esse conselho. A poesia em Virginia Woolf é tão forte, estava-lhe tão no ADN, que eu não a poderia destruir, nem que quisesse.

I want to kick up my heels & be off, escreveu ela no diário, em Março de 1927. Uma tradução possível desta frase seria: «Quero perder a cabeça e deixar-me ir.» Porque, de facto, ela estava de cabeça perdida. De amores. *Orlando* só existe porque Woolf se apaixonou por Vita Sackville-West, que lhe serviu de modelo para o seu/sua protagonista. Assim, em *Orlando*, ela está também a sonhar com esse amor, a imaginá-lo e a explorar possibilidades de o viver, num tempo em que, no Reino Unido, os amores entre mulheres não eram condenados em tribunal, ao contrário dos amores entre homens, mas acarretavam, sem dúvida, um estigma social. Ser amante de Sackville-West não a sentaria na cadeira do réu, mas, conforme o que escrevesse, poderia ser julgada por obscenidade — e hoje sabe-se que só por pouco *Orlando* não foi banido. Woolf tinha noção de todos estes perigos e ao lê-lo vemos como, para a época, *Orlando* está no fio da navalha. E ela até acena com a provocação nas barbas dos censores, da sociedade, de tudo e todos quantos se queira, ao escrever que, se pode apreciar a beleza das «moças egípcias» num poema, é só porque é casada (com um homem; estava-se em 1928).

Moças...? [...] Serão as moças realmente necessárias? Ah, tem um marido em alto mar, é isso? Bom, então pode ser.

Tudo isto está em *Orlando*. Woolf escuda-se atrás de uma narradora / biógrafa e, a partir daí, tudo é invenção, desafio, troca. Há um prefácio; é gozo – entre nomes de famosos e conhecidos, também se agradece a uma senhora cujas pesquisas «no fim, foram inúteis, mas não custaram menos lá por isso» e a um cavalheiro a quem a suposta biógrafa «queria agradecer», mas não pode fazê-lo, porque perdeu «o seu nome e morada». E no fim, como em toda a biografia que se preze, há um índice onomástico e temático. Que, uma vez mais, não é para levar a sério; da lista constam, entre outros, uma tal viúva Bartholomew, o falcoeiro Hall, John Fenner Brigge, Miss Penelope Hartopp, *Canuto*, o caçador-de-alces, e *Pippin*, a *spaniel*, além de *Cabelo*, *O roubo do anel de*, que é um poema narrativo (ou antes a paródia de um poema narrativo) de Alexander Pope (que surge como personagem na história e é, também ele, alvo de troca, claro) – poderia constar de um índice «a sério», só não seria certamente listado pelo «Cabelo» (*Lock*, no original).

Um outro poeta que existiu, de facto, surge em *Orlando*, não enquanto personagem com falas, mas numa figuração especial: Shakespeare. Perto do desfecho, Orlando recorda como viu o célebre dramaturgo inglês por volta de 1588, era ela ainda um rapaz, e que isso foi como uma maldição, porque a deixou para sempre refém da poesia. O espírito de Shakespeare está do princípio ao fim em *Orlando* – quando, prestes a fugir com a princesa russa, a nossa personagem-título assiste ao final de uma representação de *Otelo*; ou quando diz «agora estou só», uma citação de *Hamlet*. A própria narradora / biógrafa cita *Henrique V* ao escrever: «De novo à carga, irmãos!» No original, estas citações não surgem assinaladas, mas nenhum leitor inglês da altura (e mesmo de hoje em dia, suponho) deixaria de as reconhecer, tal como nós, portugueses, reconhecemos «as armas e os barões assinalados» sem ser necessário indicar quem escreveu este verso. Por isso, pus essas frases entre aspas, para que o leitor português actual «não especializado» que leia *Orlando* saiba que esses momentos «trazem água no bico». Por outro lado, não indiquei serem

de Shakespeare porque não quis sobrecarregar o texto com indicações. Aliás, foi uma regra: nada de notas de rodapé – há apenas as da autora, e, de novo, é brincadeira, desta vez a propósito do excesso de «obras a respeito de obras» que passaram a encher as livrarias inglesas a partir da época vitoriana. Porque esta não se pretende uma tradução de referência. É uma tradução de leitor que pensou que ia apanhar pela frente um clássico sisudo e deu por si num livro rocambolesco, ria e mal acreditava que o que estava a ler fora escrito há quase um século, e agora quer partilhar esse entusiasmo com outros leitores. Para mim, este não é um livro «chato» ou «difícil», é uma comédia destravada onde vale tudo.

Woolf escreveu *Orlando* para que fosse um êxito popular, um *best-seller* – o seu primeiro. E foi, de facto. Nos primeiros seis meses, vendeu mais de oito mil cópias, mais do dobro do que vendera *Rumo ao Farol*, que saíra no ano anterior. Os seus ganhos autorais quase triplicaram com a publicação de *Orlando* – «[agora] posso comprar uma casa se me apetercer», escreveu ela no diário.

Pesando tudo isto, entendi que a melhor estratégia seria escolher sempre a solução que mais agilizasse a leitura. Nos casos em que há referências obscuras, incorporei a explicação no texto ou troquei a referência pela explicação. Poderá haver quem considere que isso desvirtua o original, mas eu não penso assim. Querendo-se esta uma leitura lúdica, entre uma referência circunstancial que um leitor português hoje em dia não entenderá e apenas causará ruído e a sua tradução por uma referência mais imediata e reconhecível, escolho a segunda, porque acredito que isso, sim, serve a obra.

Depois, há os anacronismos. A autora chega a incluir, na narração, momentos da escrita e até o da publicação, tudo em «tempo real»; chega a mencionar datas e aquela que foi a editora original. Imaginei a surpresa que tudo isso terá sido para os leitores de então e quis trazer essa surpresa para esta versão, por isso usei anacronismos como falar em *designer* da capa de um livro ou em «namorar», quando o termo à altura não existia. São referências de hoje e não de 1928, portanto são escolhas arbitrárias, mas fi-las para ser fiel ao espírito da obra e ao planeado por Woolf, que juntou ao seu texto fotografias de

personagens que jamais poderiam ter sido tiradas, porque, à data a que correspondem na narrativa, ainda não se inventara a fotografia. Por outro lado, houve momentos em que «reduzi o som» (foi uma escolha instintiva e reconheço que, uma vez mais, é arbitrária e discutível) e é por isso que, a dada altura, «êxtase» passou a «alegria».

Todas essas opções, fi-las para eliminar equívocos e ruído resultantes apenas das diferenças entre como se falava então e como se fala agora, porque não me parece que esses equívocos, ambiguidades e ruído fossem a intenção original, mas antes que resultam da circunstância de as épocas serem diferentes. Como leitor, gosto quando os gigantes da literatura são abordados com um olhar descomprometido, porque um clássico começou por ser um livro igual aos outros, só depois fizeram dele um clássico. E este, quando surgiu, era um livro experimental e vanguardista, publicado em «quase» edição de autor (a Hogarth Press era de Woolf e do marido) e que vinha assinado por alguém que ainda não tinha o elogio unânime da crítica e do público (Woolf chegou a temer que as vendas cobrissem as despesas da edição, não mais, tal como achava que acabaria esquecida).

Quero ainda voltar a Shakespeare como influência, como sombra que paira sobre *Orlando*, porque isso fez-me olhar duas vezes para o ganso que surge perto do fim como uma visão, como a quimera que Orlando, a personagem, reconhece ter perseguido durante toda a sua vida. A narrativa termina com uma referência a esse ganso e, no final original do manuscrito (incluído nesta edição), era um instante ainda um pouco mais desenvolvido. *Goose* designa o animal, o ganso, mas, já no começo do século xv, podia também significar «tolo, idiota». Se lhe juntarmos *wild*, ficando *wild goose*, passa a ser um «gambozino». Uma *wild-geese chase* é «um passeio à Senhora da Asneira». E o primeiro registo dessa expressão data de 1592 – pode ler-se nem mais nem menos do que em *Romeu e Julieta*, de Shakespeare.

Perante estes indícios, como não abrir espaço à hipótese de que a poesia que Orlando ama, busca e persegue tanto pode ser o mais nobre dos ideais como o maior dos disparates, se essa hipótese está, no mínimo, esboçada? Woolf troça dos estados melancólicos do protagonista, e, a dada altura, a propósito do excesso de imagens poéticas, lê-se:

«Raios! Já tinha dito “noiva”! Tinha mesmo de acrescentar “companheira”?! Será que não podemos dizer simplesmente o que é e deixar assim?!» E, mais tarde: «E vivam os domingos, quando nos metemos num transporte público e saímos de Londres [...] e tudo o mais, seja o que for, que permita [...] mandar para o diabo o matraquear da máquina de escrever.» Ou seja, ela escreveu *Orlando* para descansar da poesia e até, de certa maneira, em guerra com a poesia. E, na narrativa, Orlando, cujo modelo foi Sackville-West, uma poetisa publicada, vem a tornar-se uma poetisa publicada e premiada e, se é verdade que Woolf admirava certos aspectos da escrita da sua amada, por outro lado, chegou a confidenciar ao pintor Jacques Raverat que, no seu entender, Vita escrevia com «mão de chumbo».

Sim, Vita Sackville-West serviu de modelo ao herói / heroína do livro, mas há um jogo de espelhos. Orlando é, também, a própria Virginia Woolf. «[Orlando] era uma mulher do seu tempo, mas, simultaneamente, continuava igual a si mesma. Agora, sim, podia escrever. E assim fez. Escreveu, escreveu e escreveu.» Leia-se este excerto com atenção; é ou não um auto-retrato? E, quando Orlando está no Hyde Park e tem uma visão do barco do marido prestes a naufragar, ou no fim, quando ela própria está em risco de se desagregar (literal e fisicamente), não ecoam esses momentos as circunstâncias da própria Woolf, que se sentia a conviver paredes-meias com a loucura e vivia no temor de que a mesma regressasse? Aos 31 anos, já tivera dois esgotamentos nervosos, tinha estado várias vezes internada ou a fazer curas de repouso e tentara o suicídio. Na altura, boa parte destes factos correriam certamente à boca pequena, pelo que considerei que não podiam passar despercebidos ao leitor de agora; é por isso que, em dado momento, onde no original se lê *nurses call it*, na tradução optei por «como dizem as enfermeiras ao falar com os doentes psiquiátricos».

Mas, de novo, este é um livro cómico e brincalhão, e tudo isso pode ser visto de outra maneira. Perto do desfecho, quando Orlando vai no carro e a sua personalidade parece à beira de se rasgar em pedaços para ser levada no vento, pensei na *Mystique dos X-Men* e na *Maya*, do *Espaço: 1999*. E no final do capítulo IV, quando o século XVIII termina e começa o século XIX, aquela mudança de clima e de atmosfera que

acontece no tempo das doze badaladas do fim do ano é uma cena que não ficaria mal numa história de Harry Potter – tal como a que vem logo a seguir, quando, por causa dessa mudança no clima, com um enorme aumento de humidade, as heras «crescem com uma tal virulência que várias janelas [da mansão] já estavam completamente tapadas». Ainda há o «momento *Britcom*», quando «os pássaros iam a voar e, de um momento para o outro, gelavam e caíam do ar como pedras» e «uma jovem camponesa [...], ao ser apanhada na esquina pelo vento gelado, desfez-se em pó [...] e acabou soprada por cima dos telhados».

Uma última informação: para este trabalho, consultei a tradução portuguesa do Brasil de Cecília Meireles, a tradução francesa de Jacques Aubert e a tradução castelhana de Jorge Luis Borges – foi ele quem teve a ideia da «mosca sentada», por mais que gostasse de poder dizer que fui eu.

MIGUEL ROMEIRA



Orlando em rapaz

PREFÁCIO

Foram muitos os amigos que me ajudaram na escrita deste livro. Alguns já morreram e são tão ilustres que mal me atrevo a mencioná-los, mas o caso é que ninguém pode ser leitor ou escritor sem ficar eternamente em dívida para com Defoe, Sir Thomas Browne, Sterne, Sir Walter Scott, Lorde Macaulay, Emily Brontë, De Quincey e Walter Pater — e isto são só os primeiros que me vieram à cabeça. Há outros, mas estão vivos, portanto, por ilustres que sejam (cada um à sua maneira), não intimidam tanto. Estou particularmente em dívida para com Mr. C. P. Sanger, porque, sem os seus conhecimentos em matéria de direito imobiliário, jamais poderia ter escrito este livro. Tal como espero que a vasta e singular erudição de Mr. Sydney-Turner me tenha salvado de cometer uns quantos erros lamentáveis. E tive a vantagem (e só eu sei quão enorme ela foi) de contar com os conhecimentos de chinês de Mr. Arthur Waley. Também Madame Lopokova (Mrs. J. M. Keynes) se disponibilizou para corrigir o meu russo. À imaginação e à compreensão sem igual de Mr. Roger Fry devo o pouco entendimento da arte da pintura que possa ter. Noutra departamento, espero ter saído a ganhar com o sentido crítico singularmente apurado, embora severo, de Mr. Julian Bell, meu sobrinho. Miss M. K. Snowdon foi incansável nas pesquisas levadas a cabo nos arquivos de Harrogate e Cheltenham; no fim, foram inúteis, mas não custaram menos lá por isso. E houve outros amigos que me ajudaram de tantas maneiras que não as posso especificar. Terei de me contentar com referi-los: Mr. Angus Davidson, Mrs. Cartwright, Miss Janet Case, Lorde Berners (cujos conhecimentos da música do período isabelino se revelaram inestimáveis), Mr. Francis

Birrell, o Dr. Adrian Stephen (que é meu irmão), Mr. F. L. Lucas, Mr. e Mrs. Desmond MacCarthy, Mr. Clive Bell (meu cunhado e um crítico encorajador como nenhum outro), Mr. G. H. Rylands, Lady Colefax, Miss Nellie Boxall, Mr. J. M. Keynes, Mr. Hugh Walpole, Miss Violet Dickinson, o ilustre Edward Sackville West, Mr. e Mrs. St. John Hutchinson, Mr. Duncan Grant, Mr. e Mrs. Stephen Tomlin, Mr. e Lady Ottoline Morrell, Mrs. Sidney Woolf (a minha sogra), Mr. Osbert Sitwell, Madame Jacques Raverat, o Coronel Cory Bell, Miss Valerie Taylor, Mr. J. T. Sheppard, Mr. e Mrs. T. S. Eliot, Miss Ethel Sands, Miss Nan Hudson, Mr. Quentin Bell (meu sobrinho e um estimado colaborador de longa data no que toca à ficção), Mr. Raymond Mortimer, Lady Gerald Wellesley, Mr. Lytton Strachey, a Viscondessa Cecil, Miss Hope Mirrlees, Mr. E. M. Forster, o ilustre Harold Nicolson e a minha irmã Vanessa Bell, mas a lista ameaça tornar-se demasiado longa, além de que isto já é gente ilustre a mais. Traz-me as melhores recordações, é certo, mas é inevitável que crie, no leitor, expectativas que o livro propriamente dito não poderá senão defraudar. Assim, concluirei agradecendo a todos os colaboradores do Museu Britânico e do Arquivo Nacional, pela cortesia do costume, à minha sobrinha, Miss Angelica Bell, por um serviço que só ela me poderia ter prestado, e ao meu marido, pela paciência com que mais uma vez me ajudou nas minhas pesquisas e pelos extensos conhecimentos de História aos quais estas páginas devem o rigor que possam ter. Por último, queria agradecer a um generoso cavalheiro americano que, gratuitamente, corrigiu a pontuação e as referências botânicas, entomológicas, geográficas e cronológicas das minhas obras anteriores e que, espero, não me recusará os seus serviços na presente ocasião, mas não posso fazer isso, porque perdi o seu nome e a sua morada.

CAPÍTULO I

Ele — que era um «ele», não havia dúvida, por mais que a moda da altura fizesse por disfarçá-lo — ia treinando estocadas numa cabeça de mouro pendurada do tecto. A cabeça era da cor de uma bola de futebol já velha e tinha mais ou menos o formato de uma, tirando as faces chupadas e um par de fiapos de cabelo seco e áspero, parecido com as fibras dos cocos. O pai de Orlando, ou talvez tivesse sido o avô, cortara-a dos ombros de um imponente infiel que lhe aparecera subitamente pela frente ao luar nos campos bárbaros de África; agora, estava ali, sempre a baloiçar suavemente na corrente de ar que varria sem descanso o sótão da enorme mansão do lorde que decapitara o seu dono.

Os antepassados de Orlando tinham cavalgado por campos de asfódelos, por campos de pedras e campos banhados por estranhos rios, e tinham arrancado inúmeras cabeças de todas as cores de muitos pares de ombros, trazendo-as depois para as pendurar do tecto. E ele faria o mesmo, jurou Orlando para consigo. Mas, visto que ainda só tinha dezasseis anos, sendo demasiado jovem para cavalgar com eles em África ou na França, tratava de se escapar à mãe e aos pavões no jardim e ia para o sótão, onde ficava a ensaiar golpes e investidas e a retalhar o ar com a espada. De vez em quando, cortava a corda e a cabeça caía ao chão com um baque surdo, e lá tinha ele de a atar a um novo pedaço de corda — e, valente que era, prendia-a quase fora do seu alcance, e o inimigo ficava a sorrir-lhe, triunfal, por entre uns lábios engelhados e enegrecidos. A cabeça ia baloiçando para cá e para lá, porque a mansão — sendo o quarto dele lá em cima — era

tão grande que parecia à mercê do próprio vento, que, fosse Inverno ou Verão, ora soprava numa direcção, ora noutra. A tapeçaria com os caçadores sobre um fundo verde não parava quieta. Os antepassados de Orlando sempre tinham sido gente ilustre; ao virem das brumas do Norte, já traziam coroas de nobres a adornar-lhes as cabeças. Aliás, as faixas de sombra que o sol desenhava pelo quarto e as manchas de luz amarelada que pintalgavam o chão deviam-se ao enorme brasão no vitral da janela. Orlando deteve-se na mancha amarela projectada pelo leopardo no brasão. Estendeu a mão para a janela, para a abrir, e, acto contínuo, ela tingiu-se de vermelho, azul e amarelo — parecia as asas de uma borboleta. Quem gostar de símbolos e de se entreter a decifrá-los poderá notar que, embora aquelas pernas esbeltas, o corpo elegante e os ombros fortes estivessem agora decorados em vários tons de luz heráldica, mal Orlando abriu a janela, o seu rosto ficou iluminado apenas pelo próprio Sol, e decerto teria sido impossível encontrar outro que fosse tão sincero — ou tão melancólico. Feliz a mãe que gera um filho assim e mais feliz ainda a biógrafa que lhe narra a vida! Porque jamais terá de se preocupar e ir pedir ajuda a um poeta ou a um romancista. A um tal biografado, basta ir de façanha em façanha, de triunfo em triunfo, de cargo em cargo, e o escriba apenas tem de o seguir, e ambos alcançarão as alturas que desejam. Bastava olhar para Orlando e percebia-se que ele nascera para uma vida assim. Uma penugem incipiente revestia-lhe as faces coradas e a que tinha por cima dos lábios era apenas ligeiramente mais grossa. A boca era pequena e os lábios deixavam entrever uns dentes de uma requintada brancura amendoada. O nariz curto era como uma seta certa e impossível de travar; os cabelos eram escuros e as orelhas pequenas e juntas à cabeça. Mas, já se sabe, sempre que se enumeram os atributos físicos de um jovem, a lista não ficará completa sem se mencionarem a testa e os olhos. Ora, sendo raro nascer alguém que não os tenha, olhemos pois para Orlando, de pé diante da janela, e seremos forçados a admitir que os olhos dele eram como violetas molhadas da chuva, umas violetas grandes e cheias de água até ao rebordo das pétalas, o que as abria mais; já a testa parecia uma cúpula de mármore comprimida entre aqueles dois medalhões quase brancos que eram as têmporas.

Lá está: pomo-nos a admirar os olhos e a testa e começa a rapsódia. Por outro lado, ao determo-nos nos olhos e na testa, teremos de admitir mil imperfeições que todo o bom biógrafo faz por ignorar. Havia coisas que Orlando via e que o perturbavam, como a mãe, uma belíssima senhora vestida de verde agora a avançar para ir dar de comer aos pavões, com a Twitchett, a criada, logo atrás; e havia as imagens que o deixavam enlevado – aves e árvores, por exemplo – ou que o faziam enamorar-se da morte – o céu do anoitecer, as gralhas de volta a casa. Ou seja, vamos a subir a escada de caracol que leva ao cérebro de Orlando (que era espaçoso) e tudo isto que ele estava a ver, mais os barulhos do jardim (um martelo a bater, a lenha a ser cortada), acordou nele aquela confusão e aquele tumulto de emoções e paixões que todo o bom biógrafo detesta. Mas continuemos. Orlando baixou devagar a cabeça, sentou-se à mesa, e, com o ar meio desatento de quem agora vai fazer o que sempre faz àquela hora, agarrou num caderno em cuja capa se lia «Æthelbert: Uma Tragédia em Cinco Actos» e mergulhou no tinteiro uma pena de ganso já um tanto usada e com manchas de tinta.

Em breve já enchera para cima de dez páginas com a sua poesia. Escrevia com facilidade, como se vê, mas era dado à abstracção. Os protagonistas do seu drama eram o Vício, o Crime e a Infelicidade; havia reis e rainhas, mas de territórios que não existiam, atormentavam-nos os enredos mais atrozes e todos eles transbordavam os sentimentos mais nobres. Nada era dito como o próprio Orlando teria dito, porém, olhando à idade dele (ainda não tinha dezassete anos) e atendendo a que faltavam ainda alguns anos para o século XVI chegar ao fim, há que admirar a fluência e o encanto da sua escrita. Até que Orlando se deteve. Como sempre fazem os jovens poetas, também ele descrevia agora a natureza, e, para referir um tom de verde em particular, olhou para o que estava a descrever (o que prova que ele se atrevia a mais do que a maioria): um simples loureiro que crescia por baixo da janela. Claro que, depois disso, já não conseguiu continuar a escrever. Na natureza, o verde é uma coisa; na literatura, é outra. Dir-se-ia que há uma incompatibilidade natural entre a natureza e as letras; é juntarmo-las e atiram-se à goela uma da outra. O tom de verde que Orlando via agora estragou-lhe a rima e partiu-lhe a métrica. Além de que a natureza tem

os seus truques. Olhamos pela janela, vemos as abelhas por entre as flores, um cão que boceja, o Sol a pôr-se, e pensamos logo: «Quantos pores do Sol irei ainda ver?», etc., etc. (É uma coisa tão usual de se pensar que nem vale a pena escrever mais sobre isso.) Então, pousamos a pena, agarramos no capote, deixamos o nosso quarto e tropeçamos numa arca pintada à mão. Orlando era um tanto desastrado.

Fez por não se cruzar com ninguém. Stubbs, o jardineiro, vinha a subir o caminho. Orlando escondeu-se atrás de uma árvore e esperou que ele passasse. Depois, saiu por um pequeno portão no muro do jardim. Passou ao largo de cavaliças e canis, do barracão onde se fazia a cerveja, de carpintarias e lavandarias, dos barracões onde se faziam as vela de sebo, onde se matava o gado, onde se faziam as ferraduras e onde se costuravam os justilhos (a mansão parecia uma cidade, era um corrupio de gente entregue aos seus diversos officios), e, sem que ninguém o visse, seguiu pelo caminho cheio de fetos que atravessava o parque e subia a encosta. É possível que haja qualidades que se atraem, que algumas puxem outras — pelo que, aqui, o biógrafo deve salientar que é frequente os desastrados gostarem da solidão. Ora, tendo tropeçado numa arca, claro que Orlando adorava lugares solitários e paisagens a perder de vista e a sentir-se completa, absoluta e totalmente só.

Ao fim de um longo silêncio, por fim sussurrou:

— «Agora estou só.» — (É a primeira vez que ele fala neste relato.)

Tinha subido a encosta muito depressa, por entre fetos e espinheiros-alvares, assustando cervos e passarada, até alcançar aquele lugar coado por um único carvalho. Era um ponto muito elevado, tão elevado que dali se avistavam dezanove condados; em dias de céu limpo, chegavam a avistar-se trinta, ou até quarenta, se o vento estivesse mesmo de feição. Às vezes, via-se o Canal da Mancha, cada onda a reafirmar a anterior. E avistavam-se rios e os barcos de recreio que neles deslizavam; e galeões a caminho do mar; e armadas, por entre nuvens de fumo das quais surgiam os estrondos cavos dos disparos dos canhões. E avistavam-se os fortes ao longo da costa, e os castelos pelo meio dos prados, e aqui uma torre de vigia, e ali uma fortaleza, depois surgia outra vasta mansão como a do pai de Orlando, de novo qual cidade num vale, com a muralha a toda a volta. A este, avistavam-se

as agulhas das torres de Londres e a fumarada da cidade; e, na linha do horizonte, soprando o vento a favor, talvez se distinguíssem as irregularidades e o cume escarpado da montanha de Snowdon, no País de Gales, erguendo-se por entre as nuvens. Orlando foi contando, detendo-se, identificando. Aquela era a mansão do seu pai; aquela outra, a do seu tio. A tia era a proprietária daqueles três grandes torreões mais adiante, por entre as árvores. A charneca pertencia à família, e também a floresta, juntamente com faisões, cervos, raposas, texugos e borboletas.

Com um profundo suspiro, abandonou-se (a paixão que ele punha em cada movimento justifica a palavra) à terra por baixo do carvalho. Rodeado do Verão, que não duraria muito, adorava sentir a espinha dorsal da Terra sob o seu corpo — porque, para ele, as sólidas raízes do carvalho eram isso mesmo; ou, porque uma imagem puxa outra, agora já eram o dorso de um possante cavalo que ele ia a cavalgar; ou o convés de um navio num mar agitado. Podia ser qualquer coisa, na verdade, desde que fosse alguma coisa sólida, porque ele precisava de algo a que ancorar o seu coração instável, o mesmo que agora lhe palpitava no peito, aquele seu coração que parecia encher-se de furiosos vendavais de paixão sempre àquela hora, à tardinha, quando ele saía para um passeio. Ali deitado, amarrou o coração àquele carvalho e, aos poucos, lá se acalmou a agitação dentro dele e também a que o rodeava; a folhagem aquietou e os cervos detiveram-se; as esbatidas nuvens de Verão pararam suspensas no céu e ele sentiu o corpo a ficar pesado; deixou-se ficar tão imóvel que, aos poucos, os cervos aproximaram-se, as gralhas puseram-se a voar em círculos por cima dele, as andorinhas desceram e começaram também a voar-lhe de volta e as libélulas iam passando por ali como fogachos. Era como se toda a fertilidade e toda a actividade amorosa de uma tardinha de Verão estivessem a tecer-lhe uma teia de volta do corpo.

Ao fim de mais ou menos uma hora — o Sol ia descendo rapidamente; as nuvens tinham passado de brancas a vermelhas, as colinas eram agora arroxeadas, o arvoredado, púrpura, os vales, negros — soou uma trombeta. Orlando levantou-se de um pulo. Aquele som estridente vinha do vale, de uma zona mais escura que lá se avistava, uma mancha compacta preenchida com um traçado geométrico, um labirinto, uma

cidade com muralhas a toda a volta; o som vinha do coração da grande mansão no vale que não era senão onde ele vivia e que até ali estivera às escuras. Mas agora, com ele a olhar e com aquela única trombeta a duplicar-se e a reduplicar-se com mais toques estridentes, a mansão foi trespassada por luzes e a escuridão desapareceu. Havia luzes fracas e agitadas, como se os criados fossem à pressa por corredores para atenderem ao chamado; outras eram mais elevadas e lustrosas, como se ardessem em salões de banquete ainda vazios, mas já a postos para receber convidados que ainda iriam chegar; outras desciam e sacudiam, afundavam e tornavam a subir, como se nas mãos de um exército de criados a fazer vénias, a ajoelhar-se e a erguer-se, a receber, a proteger e a escoltar condignamente ao interior da mansão uma importante princesa que descera do seu coche de gala. Mais carruagens iam chegando e dando a volta no pátio. As plumas ornamentais dos cavalos sacudiam. A rainha chegara.

Não havia tempo para ver mais. Orlando correu pela encosta abaixo. Entrou por uma portinhola. Correu por uma escadaria em espiral acima. Entrou no quarto. As meias voaram para um lado e o justilho para outro. Passou a cara por água. Lavou muito bem as mãos. Cortou as unhas. Ajudado por quinze centímetros de espelho e por duas velas quase no fim (era o que tinha à disposição), vestiu uns calções carmesins, pôs um colarinho de renda, vestiu um colete de tafetá e calçou uns sapatos com umas rosetas grandes como dalias, tudo isto em menos de dez minutos – pelo relógio das cavalariaças. Estava pronto. Estava corado. Estava empolgado. E estava terrivelmente atrasado.

Por atalhos que conhecia, desceu por aquela enorme salganhada de divisões e escadas, rumo ao salão de banquete, que ficava do lado oposto da mansão, ao fim de mais de vinte mil jardas de caminho. A meio do trajecto, nas traseiras, onde ficavam os aposentos da criada, parou. A porta da sala de estar da Stewkley estava aberta, mas ela não estava ali; decerto agarrara no molho de chaves e fora atender à sua patroa. Sentado à mesa dos criados, com uma caneca de cerveja ao lado e uma folha de papel à frente, estava um gordo maltrapilho; a roupa era de um grosseiro tecido de lã acastanhado e o rufo estava sujo. Segurava uma pena, mas não estava a escrever. Parecia ir virando e re-

virando uma ideia na sua cabeça, a tentar dar-lhe forma e pujança que fossem do seu agrado. Os seus olhos, bugalhudos e turvados qual rocha esverdeada de invulgar textura, estavam fixos. Não viu Orlando — que, apesar da pressa, se deteve a observá-lo. Seria aquele homem um poeta? Estaria a escrever um poema? «Diz-me tudo de tudo», queria pedir-lhe, porque Orlando fazia, dos poetas e da poesia, uma ideia completamente extravagante, destemperada e absurda. Mas como falar a alguém que não nos vê, porque nesse momento estará talvez a ver ogres, sátiros ou as profundezas do mar? Por isso, Orlando ficou ali parado a ver aquele homem rodar a pena entre os dedos, ora num sentido, ora noutro, de olhar perdido, entregue aos seus pensamentos. De súbito, escreveu meia dúzia de linhas, depois ergueu o olhar. E Orlando, atacado pela timidez, saiu dali a correr e chegou ao salão de banquete no derradeiro instante, ainda a tempo de ajoelhar, inclinar a cabeça e, meio desnordeado, estender uma taça com água de rosas à majestosa rainha em pessoa.

A timidez dele era tal que, da rainha, viu apenas a mão cheia de anéis mergulhada naquela água. Mas bastou; era uma mão inesquecível, magra e com uns dedos esguios que não paravam de flectir, como se a segurarem o globo com a cruz ou o ceptro; era uma mão nervosa e mal-humorada, a mão de alguém doente; mas era também uma mão autoritária, que apenas tinha de se erguer para que uma cabeça rolasse — uma mão, palpitou a Orlando, que pertenceria a um corpo envelhecido e a cheirar a peles e a cânfora num roupeiro. Um corpo enfeitado com toda a espécie de brocados e pedras preciosas e sempre muito direito, apesar da ciática; e que jamais estremecia sequer, mesmo se assolado por mil medos. E os olhos da rainha eram de um amarelo-esbatido. Orlando intuiu tudo isto só de ver aqueles anéis enormes brilharem na água, e então sentiu algo sobre a sua cabeça — o que poderá explicar que tenha acabado por não ver mais nada que possa ser útil a uma historiadora. A verdade é que lhe ia no pensamento uma tal confusão de opostos — a noite e as velas a arderem, o poeta de roupas coçadas e a majestosa rainha, os campos silenciosos e o bulício da criadagem — que Orlando estava incapaz de reparar em grande coisa; viu aquela mão e foi tudo.

Da mesma forma, a rainha terá visto apenas uma cabeça. Mas, se de uma mão se pode deduzir todo um corpo — possuidor de todos os atributos

de uma majestosa rainha, incluindo o trato áspero, a coragem, a fragilidade e os medos —, decerto uma cabeça não será menos fértil quando olhada do alto de uma cadeira de Estado e vista por uma mulher que viveu sempre de olhos bem abertos, a fiarmo-nos nas estátuas de cera da Abadia de Westminster. Aqueles longos cabelos escuros encaracolados e aquela cabeça inocente inclinada com profundo respeito sugeriam umas pernas esbeltas como as de nenhum outro jovem nobre; e uns olhos de cor violeta; e um coração de ouro; e lealdade e charme masculino — tudo qualidades que aquela idosa amava, sobretudo agora que já não as podia desfrutar. Porque a rainha envelhecera antes do tempo. Estava gasta, cansada. A toda a hora julgava ouvir disparos de canhão, ou ver reluzir uma gota de veneno ou a longa lâmina de um punhal. À mesa, punha-se à escuta; ouvia os disparos no Canal da Mancha e aquilo apavorava-a — seria uma maldição ou um sussurro? A inocência e as coisas simples eram-lhe tanto mais caras quanto tudo o que a rodeava era sombrio. Conta-se que logo nessa noite, já Orlando dormia profundamente, a rainha pôs em nome do pai dele a grande mansão monástica que fora do arcebispo e depois do rei, assinando e timbrando a escritura.

Em completa ignorância, Orlando dormiu o sono dos justos. Não soube que a rainha fora ali dar-lhe um beijo. Tendo as mulheres corações complicados, talvez a ignorância dele e o seu ligeiro sobressalto quando os lábios dela lhe tocaram tenham feito a rainha lembrar-se da sua prima em nova, porque Orlando e ela tinham sangue em comum. O caso é que, passados menos de dois anos de calma vida no campo, tendo Orlando escrito não mais do que umas vinte tragédias, uma dúzia de relatos em prosa e uma vintena de sonetos, chegou mensagem de que a rainha o chamara a Whitehall.

— *Lá vem o meu inocente!* — exclamou ela, ao vê-lo avançar pela longa galeria para comparecer à sua presença. (O ar sempre sereno de Orlando fazia-o parecer inocente, mas, tecnicamente, a palavra já não lhe era aplicável.) — Vem! — chamou ela.

Direita que nem um espeto, estava sentada ao lado da lareira. Fê-lo parar a um ou dois passos e olhou-o de alto a baixo. Estaria a comparar as suas especulações da outra noite com a verdade agora diante dos seus olhos? Estaria a verificar quais dos seus palpites tinham sido certos?

Olhos, boca, nariz, peito, ancas, mãos, tudo isso ela viu, e os seus lábios retesaram-se visivelmente durante o exame. Então, ao apreciar-lhe as pernas, deu uma gargalhada. Ele era a personificação de um nobre de caráter. Mas e por dentro? Aqueles seus olhos amarelos de falcão fitaram-no como se quisessem vê-lo até à alma. Orlando suportou o exame, ficando tão-só com as faces de um cor-de-rosa carregado, o que só lhe dava mais encanto. Vigor, elegância, romantismo, destempero, poesia, juventude – a rainha leu-o como quem lê um livro. De seguida, tirou um dos anéis (fê-lo passar pela articulação inchada), pôs-lho no dedo e nomeou-o seu tesoureiro e administrador; depois, pôs-lhe ao pescoço as ordens de ambos os cargos; e, mandando-o ajoelhar, pôs-lhe na coxa a liga adornada com pedras preciosas da Ordem da Jarreteira. A partir daí, nada mais foi negado a Orlando. Se a rainha saía na carruagem real, ele seguia ao lado a cavalo. Foi enviado à Escócia em embaixada de pesar à infeliz rainha. E Orlando esteve prestes a fazer-se ao mar para combater na Guerra da Livónia, mas ela chamou-o de volta; era-lhe insuportável imaginar aquele corpo jovem ferido de morte e aquela cabeça cheia de caracóis a rolar na terra. Queria-o a seu lado. No auge do seu triunfo, com os canhões da Torre de Londres a dispararem em celebração (havia tanta pólvora no ar que não se conseguia parar de espirrar) e o povo lá em baixo a aclamá-la, depois de as suas servitoras a deitarem nas almofadas, a rainha (estava tão velha e gasta, ela) puxou-o para si e fê-lo afundar o rosto naquela inacreditável misturada de cheiros – há um mês que usava a mesma roupa – e, à mente de Orlando, vieram as suas recordações de menino e ele podia jurar que aquele era o mesmo cheiro de um velho armário onde a sua mãe na altura guardava as peles. Meio sufocado, levantou a cabeça.

– Esta, sim, é a minha vitória! – sussurrou ela, e, como uma explosão, as suas faces ficaram escarlates.

Porque ela, uma velha, estava enamorada dele. E a rainha, que sabia reconhecer um homem se o via (mas não da forma habitual, consta), tinha em vista para Orlando uma ambiciosa e esplêndida carreira. Foram-lhe dados terrenos e casas passaram para o seu nome. Orlando seria o seu filho na velhice, o seu amparo na doença; seria a raiz de carvalho na qual ela se deitaria a definhar. Vestida com os seus grossos brocados, a rainha foi crocitando estas promessas com uma bizarra

ternura de tirana (entretanto, tinham-se mudado para Richmond), sentada muito direita junto à lareira – que nunca a aquecia, por mais lenha que lhe pusessem.

Os longos meses de Inverno iam-se arrastando. Não havia árvore no parque que não estivesse carregada de geada. O rio mal corria. Um dia, estando o solo coberto de neve, os escuros quartos apainelados mergulhados em sombras e os cervos a bramar no parque, a rainha viu, num espelho que tinha sempre por perto (por causa do seu medo dos espiões), pela porta que mantinha sempre entreaberta (por causa do seu medo dos assassinos), um rapaz (seria Orlando?) a beijar uma rapariga (maldição!, mas quem raio era a flausina desavergonhada?!). Agarrou na sua espada com punho de ouro e golpeou violentamente o espelho, que se partiu; veio gente a correr; levantaram-na do chão e tornaram a instalá-la na cadeira; mas aquilo deixara-a destroçada e a rainha passou os últimos dias de vida a gemer e a queixar-se da perfídia masculina.

Poderá ter sido Orlando o culpado, mas será que o podemos culpar? Estava-se no período isabelino e a moral daquela gente era diferente da nossa, tal como eram diferentes os seus poetas, o clima e até os legumes. Era tudo diferente. Até as condições climáticas – o calor no Verão e o frio no Inverno – eram, estamos convencidos, de outra feição. Os dias, luminosos e românticos, eram tão diferentes das noites como a terra é do mar. Os pores do Sol eram mais avermelhados e intensos e as madrugadas eram mais brancas e aurorais. Os isabelinos desconheciam estes nossos luscos-fuscos crepusculares e pores do Sol intermináveis. Se não chovia com força, não chovia de todo. Se o Sol não queimava, era por ser de noite. E, puxando tudo isto para o lado espiritual, como é seu apanágio, os poetas esmeravam-se a cantar o murchar das rosas e o cair das pétalas. «O nosso tempo é breve», diziam, «e logo passa, e logo vem uma longa noite para todos nós.» Não queriam saber dos truques das estufas e dos jardins de Inverno, que permitem prolongar e manter a frescura e o colorido das rosas. Desconheciam as engelhadas complexidades e ambiguidades desta nossa era mais dada a dúvidas e a gradações. Tudo se resolvia pela violência. As flores abriam, depois murchavam. O Sol nascia e punha-se. O amante amava e ia-se embora. E o que os poetas diziam em rima,

os jovens punham em prática. As raparigas eram rosas e o seu tempo era curto como o das flores. Havia que colhê-las antes do anoitecer, porque o dia era breve e havia que aproveitá-lo. Portanto, se Orlando seguiu o exemplo do clima, dos poetas e da época que era a dele e colheu a flor que lhe viera nascer à janela em pleno Inverno e com a rainha de vigia ao corredor, dificilmente podemos levá-lo a mal por isso. Era jovem e era um rapaz; apenas fez o que mandava a natureza. Da rapariga, sabemos o mesmo que ficou a saber a própria Isabel I, ou seja, nem o nome. Tanto podia ser Dóris, como Clóris, Délia ou Diana, porque a cada um desses nomes ele escreveu versos; da mesma maneira, tanto podia ser uma dama da corte como uma criada, porque Orlando não era esquisito — tanto lhe agradavam as flores de jardim como as silvestres e até as ervas daninhas o fascinavam.

Eis-nos, portanto, a expor, tão cruamente como se permite a um biógrafo, um curioso traço de carácter em Orlando, que talvez se explique pelo facto de ele ter tido uma avó que usava avental e carregava baldes de leite. Havia nele um punhado de terra do Kentish ou do Sussex à mistura com o nobre e delicado sangue herdado da Normandia. E Orlando via essa mistura de terra castanha e de sangue azul como uma vantagem. O facto é que ele sempre gostara das companhias sem categoria, sobretudo tratando-se desses que se dedicam às letras, a quem o génio tantas vezes impede de subir na vida; era como se houvesse entre eles afinidade de sangue. Naquela altura, vivendo Orlando com a cabeça a transbordar de rimas e não se deitando uma única noite sem nesse dia ter escrevinhado um punhado de frases empoladas, as faces de uma qualquer filha de estalajadeiro pareciam-lhe mais frescas do que as das damas da corte, idem para a verve de uma qualquer sobrinha de couteiro, que ele achava sempre mais aguçada. Então começou a frequentar a zona do cais junto à Torre de Londres e as esplanadas à noite, embrulhando-se num capote cinzento para esconder a estrela que trazia ao pescoço e a Ordem da Jarreteira no joelho. Em tais lugares, de caneca à frente, rodeado de becos ensai-brados, de relvados para os jogos do povo e da arquitectura simples de tais áreas, ouvia os marinheiros relatarem as provações, os horrores e as crueldades sofridos no mar das Caraíbas; uns tinham ficado sem os

dedos dos pés, outros sem o nariz (um relato oral nunca é tão polido ou delicado como o escrito). Gostava sobretudo quando eles entoavam as canções dos Açores, enquanto os periquitos que tinham trazido de tais lugares lhes debicavam as argolas nas orelhas, ou, com aqueles seus ávidos bicos duros, investigavam os rubis que eles usavam nos dedos, além de repetirem os palavrões cabeludos que os donos diziam. As mulheres não eram muito mais recatadas na fala ou contidas nos modos. Sentavam-se no colo de Orlando, lançavam-lhe os braços ao pescoço e, cheirando-lhes que aquele grosseiro capote de lã escondia algo de especial, tinham tanta pressa de chegar ao cerne da questão quanto o próprio Orlando.

Não faltavam as oportunidades. Fosse de madrugada ou de noite, as águas do rio eram continuamente agitadas por barcas, botes e embarcações de todas as formas e feitios. Não havia dia em que não se fizesse ao mar um belo navio rumo às Índias, e, de vez em quando, lá regressava algum, enegrecido e de velas rasgadas, trazendo a bordo um grupo de barbudos anónimos, para atracar penosamente no cais. Ninguém dava pela falta de um rapaz ou de uma rapariga que se demorassem mais um pouco por ali depois do pôr do Sol, tal como ninguém franzia o sobrolho ao correr que alguém os vira a dormir regalados nos braços um do outro num qualquer porão, por entre as sacas do tesouro. Foi precisamente essa a aventura que envolveu Orlando, Sukey e o Conde de Cumberland. Fora um dia quente e o amor estivera ao rubro; tinham adormecido por entre os rubis. Nessa noite, de lanterna na mão, o conde, que tinha fortuna investida nas viagens a terras de Espanha, foi sozinho ao barco para ver o seu tesouro. Dirigiu a luz a uma barrica. Disse um palavrão e recuou sobressaltado. Abraçados contra o casco dormiam duas alminhas. Supersticioso e com uma série de crimes a pesar-lhe na consciência, o conde tomou o casal (embrulhado num capote vermelho, sendo os seios de Sukey quase tão brancos como a neve que eternamente varria os poemas de Orlando) por dois fantasmas vindos do cemitério dos marinheiros afogados, para o atormentar. Benzeu-se. Jurou estar arrependido. A fiada de abrigos para desfavorecidos que ainda hoje existe na Sheen Road é o resultado directo desse momento de pânico. É lá que doze idosas da paróquia que não

tinham um tostão bebem hoje o seu chá, e todas as noites elas pedem a Deus que proteja sua senhoria que lhes deu um tecto; ou seja, amores ilícitos num navio com um tesouro no porão... bom, talvez o melhor seja não tirarmos uma moral desta história.

O caso é que depressa Orlando se fartou — não apenas do desconforto de levar aquela vida e das ruelas daquela zona, como dos modos primitivos daquela gente. Há que não esquecer que, ao contrário de hoje, os isabelinos nada encontravam de fascinante no crime e na pobreza. Não eram como nós, que nos envergonhamos de não ser ignorantes e que nos convencemos de que ser filho de um açougueiro é uma bênção e ser analfabeto, uma virtude; não tinham as nossas ilusões de que aquilo a que se chama «vida» e «realidade» está de algum modo ligado à ignorância e à brutalidade; aliás, eles nem sequer tinham sinónimos para essas duas palavras. Mas não era por andar em busca da «vida» que Orlando convivia com eles; e não foi por desejar a «realidade» que depois se afastou. Simplesmente, à vigésima vez que ouviu Jakes contar como perdera o nariz e Sukey, a honra (e havia que admitir que um e outro sabiam contar admiravelmente as respectivas histórias), começou a ficar um pouco cansado da repetição, porque só há uma maneira de se cortar um nariz, tal como só há uma de se desonrar uma donzela (pelo menos, assim achava ele). Já as artes e as ciências possuem uma diversidade intrínseca que lhe aguçava por demais a curiosidade. Assim, guardando a memória daquela fase feliz, deixou de frequentar as esplanadas e as vielas dos jogos populares, pendurou o capote cinzento no roupeiro, deixou a estrela que trazia ao pescoço e a liga que usava no joelho brilharem à vista de todos e tornou a apresentar-se na corte de Jaime I. Era jovem, rico e bonito. E ninguém poderia ter sido recebido com mais entusiasmo.

Sabe-se que várias damas estavam prontas a tê-lo em seu favor. Houve pelo menos três cujos nomes eram frequentemente mencionados enquanto prováveis pretendentes: Clorinda, Favila e Eufrosina (ou assim lhes chamou ele nos seus sonetos).

Examinemo-las à vez. Clorinda era uma dama satisfatoriamente afável e de modos doces e Orlando andou perdido de amores por ela durante seis meses e meio. Mas ela tinha pestanas brancas e não suportava ver

sangue. Em casa do pai, traziam para a mesa uma lebre no espeto e ela desmaiava. Além de que levava demasiado a sério a conversa dos padres e chegou a dar aos pobres parte do seu enxoval de roupa de baixo. Meteu na cabeça que faria Orlando renunciar ao pecado, coisa de que ele não gostou nada; portanto recuou nos planos de casamento — e não se arrependeu, porque ela morreu de varíola passado pouco tempo.

Favila, a seguinte, era de casta inteiramente diferente. Filha de um cavalheiro sem posses do Somersetshire, subiu na corte graças à tenacidade e ao uso que sabia fazer do olhar. Além disso, era boa montadora, tinha uns peitos dos pés muito bonitos e era graciosa a dançar, e tudo isso lhe valeu a admiração geral. Infelizmente, um dia lembrou-se de açoitara um *spaniel* que lhe rasgara uma meia de seda (e sejamos justos, Favila tinha poucas meias e a maioria era de lã áspera) e deixou-o meio morto mesmo por baixo da janela de Orlando. E Orlando, que adorava todos os animais, notou então que ela tinha os dentes tortos, além de os dois da frente estarem metidos para dentro, o que, acreditava ele, nas mulheres é sinal inequívoco de um temperamento perverso e cruel, pelo que rompeu o noivado nessa mesma noite, sem possibilidade de volta atrás.

A terceira, Eufrosina, foi de longe a sua paixão mais séria. Era dos Desmond da Irlanda, pelo que vinha com uma árvore genealógica tão antiga e de raízes tão sólidas quanto a do próprio Orlando. Tinha uma pele muito branca, umas faces coradas e era um tudo-nada apática em excesso. O seu italiano era muito razoável e os dentes de cima eram perfeitos, embora os de baixo estivessem um tanto descolorados. Ninguém a via sem um cão colado às pernas; dava-lhe à boca pão branco do seu prato; tinha uma voz doce, que ligava bem com o cravo; e nunca se apresentava em público antes do meio-dia, porque era muito ciosa da sua aparência. Em suma, era a esposa perfeita para um nobre como Orlando e a coisa chegou a ser tão séria que já havia advogados de uma parte e da outra a discutir contratos, bens dotais, acordos, escrituras de habitações, anexos e terras, arrendamentos, enfim, tudo quanto há que fazer antes de se juntarem duas grandes fortunas, mas nessa altura, com a severidade repentina que então caracterizava o clima inglês, chegou o Grande Gelo.

«Escrevi este livro com mais rapidez
do que qualquer outro, e é uma grande piada;
acho, apesar disso, que é uma leitura alegre e fácil:
umas férias de ser escritora.»

São estas as palavras que se podem encontrar numa das entradas dos diários de Virginia Woolf, datada de 18 de Março de 1928, e com as quais a autora se refere ao seu então recém-terminado *Orlando*: um livro escrito de um só fôlego — no breve espaço de cinco meses —, que se quis leve, divertido, absolutamente satírico e, acima de tudo, livre. Obra virada para a modernidade, para o futuro, *Orlando* é um dos raros momentos em que a literatura, rompendo barreiras e o pudor de uma época, alcança a intemporalidade, para nunca mais se sentir datada ou ultrapassada na sua coragem, beleza e estilo.

Recuperando o espírito com que foi escrita — ser leitura e divertimento —, a Cavalos de Ferro repropõe, com nova tradução fiel ao texto e ilustrações originais, um dos grandes romances de Virginia Woolf, sacudindo o pó e o peso do seu estatuto na história da Literatura.

«Uma fantasia, impossível, mas deliciosa...
uma exuberância plena de vida e inteligência.»

The Times Literary Supplement

ISBN 978-989-668-629-1
9 789896 686291



cavalos de ferro